

## ENTREVISTA

### Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina Matos

Para nossa terceira entrevista do espaço *História & Debate*, trazemos a socióloga **Cristina Matos**. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e docente do departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB, Matos possui uma produção que percorre Sociologias específicas, com projetos que dialogam com as áreas de Comunicação, Cinema e relações raciais. Atualmente pesquisa a obra de dois compositores brasileiros, Jorge Ben e Gilberto Gil, e como suas canções narraram a experiência negra no Brasil.

Nossa conversa ocorreu no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, no dia 26/09/2018. O tema da entrevista está relacionado ao campo das Relações Étnicorraciais, que Matos desenvolve pesquisas há vários anos. A entrevista foi realizada pelo professor **Paulo Milhomens**.

**H&D** – Professora, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a ideia de autoimagem da qual estávamos discorrendo antes de iniciar a entrevista. Histórias de vidas de personalidades musicais negras é sua nova pesquisa, certo?

**CM** – Não trabalho com a história de vida dos compositores, mas com suas obras musicais. E esse recurso às obras musicais nos permite pensar nos modos de falar da população brasileira e de sua autoimagem. A gente tem uma autoimagem nacional muito centrada na ideia da mestiçagem. Digamos, essa fusão dos três grupos raciais que induziria, formaria, esse tipo que é o brasileiro. Só que a gente sabe que, do ponto de vista da vivência, ela não foi democrática por conta de uma chave de uma hierarquização. A música brasileira é considerada um dos espaços mais importantes de afirmação da identidade negra no Brasil, e pode oferecer uma perspectiva muito interessante sobre as experiências da população negra. Em grande medida essa perspectiva tenciona a autoimagem de nação mestiça e democrática.

**CM** – [...] A gente tem uma autoimagem nacional muito centrada na ideia da mestiçagem. Digamos, essa fusão dos três grupos raciais que induziria a esse tipo que é o brasileiro. Só que a gente sabe que do ponto de vista da vivência, ela não foi democrática por conta da chave de uma hierarquização.

**H&D** – Um passado escravagista.

**CM** – Temos um pós-abolição em que a igualdade afetiva não aconteceu. Essa população negra, ela foi incorporada nessa mitologia, nesse mito da democracia racial, mas foi incorporada em uma posição de subalternidade. Os indicadores estão aí para confirmar isso. Em que pese isso, eles nunca deixaram de produzir narrativas sobre sua própria experiência. Temos essa narrativa oficial e temos uma produção de referências através dos compositores que vão tencionar essa identidade nacional, e esse elemento da mestiçagem como um dado da identidade nacional...

**H&D** – Então em cima do que você está falando, por exemplo, vou trazer um compositor que me vem à mente agora... Zé Keti, contexto da cidade do Rio de Janeiro, anos 30, creio. Pegamos o recorte histórico com esse compositor, ou alguém que tenha produzido um samba com crítica social mais aguda (como Noel Rosa, embora não fosse negro, mas convivia com os guetos que em sua maioria, obviamente, são de pessoas negras). E a partir disso se constituiu uma narrativa particular de experiências que acabam não aparecendo nos cânones das narrativas... Seria isso?

**CM** – É, o caminho é esse. Só que eu dividiria em dois momentos para pensar essa questão. A primeira coisa: tem vários trabalhos que tem discutido o papel da música como canção e produto de consumo nacional mais presente. Mais significativo do que de maior presença. Para além da experiência, esses autores tem tratado – para além da experiência negra e racial – esses autores tem discutido que a música, ela tem papel muito importante no Brasil de oferecer uma espécie de crônica dos acontecimentos e de registrar experiências que em outros lugares quem fez isso foi o Teatro ou a Literatura. Mas como tínhamos uma quantidade de analfabetos muito grande aqui no Brasil, a música tanto para ser produzida ou consumida, ela é um produto cultural de maior penetração. Então se a gente olha para a música, conseguimos perceber o conjunto de acontecimentos que estão sendo contados e refletidos ali, que são interessantes para pensar as experiências sociais. O que eu fiz a partir dessa ideia foi pensar como a música e aí, fazendo isso muito inspirada em Paul Gilroy (*O Atlântico Negro*), ele toma a música como objeto de estudo nessa ideia de que a educação foi um elemento negado aos escravizados. Assim, se eles não podiam ter acesso ao letramento, não significa que não pensassem sobre a experiência deles.

**CM** – É, o caminho é esse. Só que eu dividiria em dois momentos, para pensar essa questão. A primeira coisa: tem vários trabalhos que tem discutido o papel da música como produto artístico de consumo nacional mais presente. Esses autores tem discutido que a música tem um papel muito importante no Brasil: o de oferecer uma espécie de crônica dos acontecimentos e de registrar experiências. O que, em outros lugares, foi feito pelo Teatro ou a Literatura. Mas como tínhamos uma quantidade de analfabetos muito grande aqui no Brasil, a música, tanto para ser produzida ou consumida, ela é um produto cultural de maior penetração. Então se a gente olha para a música, conseguimos perceber o conjunto de acontecimentos que estão sendo contados e refletidos ali, que são interessantes para pensar as experiências sociais. O que eu fiz, a partir dessa ideia, foi pensar como a música poderia registrar essas experiências - e aí, fazendo isso muito inspirada em Paul Gilroy (*O Atlântico Negro*). Ele toma a música como objeto de estudo nessa ideia de que a educação foi um elemento negado aos escravizados. Assim, se eles não podiam ter acesso ao letramento, não significa que não pensassem sobre a experiência deles.

**H&D** – Os cantos que ocorriam fora dos olhares senhoriais.

Exatamente, ele vai dizer que a música acabou sendo um elemento muito importante de produção de sentido, de reflexão e de constituição de narrativas. Então ele olha para a música como caminho. O que eu fiz, na verdade, foi pensar, no contexto brasileiro, em que a música é importante para todo mundo, pensar como ela poderia oferecer uma perspectiva do ponto de vista da população negra sobre suas próprias experiências. Para mim pareceu muito significativo também, exatamente por conta desse vazio que a lei 10.639/03 reconhece. E a gente pode olhar para a música e pensar – é o que faço na pesquisa – olhar para os anos 60, por exemplo, pensando esses dois compositores, o que eles estavam falando, tematizando (se estavam). Eles estavam? Descobri que sim.

**H&D** – Havia um movimento de consciência por parte dos músicos nesse sentido mesmo de “vou fazer uma música para a posteridade”, não sei se é esta consciência. Seria?

**CM** – Então, eu não cheguei a entrevista-los. Eu não posso dizer isso porque eu não pude fazer essa pergunta para eles. Mas assim, para mim, independente, se havia uma consciência, “vou fazer uma “música para”, o fato é que fomos percebendo que sim. Um exemplo: pegamos um disco do Jorge Ben, da primeira década, de 1963 até 1973 – dez anos de carreira – em todos

os álbuns tem uma canção em que existe uma referência ao que chamamos de experiência negra.

**H&D** – Sim!

**CM** – É um termo amplo, mas é um termo que serve para registrar o que entendemos por experiência negra: Vivências, personagens, situações das quais estes compositores falam e que permitiam entender um pouco a perspectiva sobre essa experiência de ser negro no Brasil. Então, para gente, esse era um dado interessante. Poxa, em todos os álbuns aparece esse compositor negro fazendo alguma referência a essas experiências. Isso é muito interessante!

**H&D** – Do Jorge Ben tem um *pout-pourri* que é *Fio Maravilha* e uma outra canção... Conheço muito pouco da obra dele.

**CM** – Ele tem muitos clássicos assim... Tem muitas canções que se tornaram clássicas. Ele tem uma coisa interessante que a gente também descobriu. Ele tem um interesse pela História, então tem uma ideia de falar de personagens de negros, de voltar ao período da escravidão – de fazer referência a este período. É muito curioso, porque quando ele começou, tinha 23 anos. Está ali, disputando um mercado fonográfico (vendeu bem logo quando apareceu)... É curioso, ele tem quatro canções onde ele vai trazer isso que eu estou chamando de experiência negra. E à medida que você vai pesquisando e tentando mapear quais são as temáticas, tem uma volta ao período da escravidão. Tem uma reelaboração das referências ao corpo negro e no imaginário brasileiro – e vamos aí imaginar os anos 60 que é quando ele aparece.

**H&D** – Eu achava que Jorge Ben fosse mais recente...

**CM** – Ele começa e a Bossa Nova já estava presente! Ele tem uma carreira muito longa. Está muito menos presente hoje em dia.

**H&D** – Mas ainda assim, muito atuante musicalmente, compondo... Inclusive lançou um álbum novo este ano.

**CM** – É bem interessante, então ele vai produzir muitas referências sobre o corpo negro. Estou falando isso antes dele aparecer nos anos 60 por quê? Piadas preconceituosas que faziam uma referência negativa ao corpo negro, homes e mulheres negras(os), ele reelabora isso de um lado positivo.

**H&D** – Lá vem o “Brasil descendo a ladeira”. Tipo, João Gilberto quando faz esta referência... Uma mulher negra com uma trouxa de roupas sob a cabeça! Não deixa de ser preconceituoso!

**CM** – Eu acho que está tão incorporado! A gente não costuma pensar muito sobre a música, não é? Se ela está tão incorporada que a gente não pensa. Mas eu fui descobrindo, através dessa pesquisa, que ela é um campo muito interessante, em uma chave mais geral, para pensar questões sociais porque ela é um registro. E, em uma chave mais específica, um campo fértil para pensar nas relações raciais. Pensarmos essa coisa do corpo negro porque além de no cotidiano terem essas piadas e tal, muitas marchinhas de carnaval, se a gente ficar só na chave carnavalesca, elas eram muito preconceituosas.

**H&D** – Muito! “O teu cabelo não nega, mulata!” Quando você ouve, primeiro movimenta o corpo para depois pensar.

**CM** – Tem outra (deixa eu lembrar agora), essa do cabelo é dos anos 30. Mas tem uma mais recente que é dos anos 50. Ela diz: “Tava jogando sinuca/E uma nega maluca me apareceu/Tinha um filho no colo e dizia que o filho era meu [...]”. Geralmente, nesta marchinha, cantamos um pedaço menor, mas a música termina dizendo: “Será que é um problema de cor?”. Essa marchinha termina assim. E você fica pensando... Olha o registro que a gente tem na música (negativa).

**H&D** – E ficou para o imaginário nacional, quer dizer, isso tocou em muitos carnavais da vida... Toca ainda!

**CM** – Ano passado (durante a pesquisa), a gente descobriu – no Rio de Janeiro por exemplo – uma polêmica. A de que estas músicas racistas fossem proibidas e substituídas por outras. Então quando você pensa em um compositor negro lá nos anos 60 já falando do corpo negro como um corpo bonito ou admirável é muito interessante...

**H&D** – Sexualizável, digamos...

**CM** – Mas não sexualizável na chave anterior da hipersexualização! Acho que a chave é a chave da beleza. A ideia é a de beleza. É muito interessante, e ao longo da carreira dele isso foi se repetindo.

**H&D** – Estava me perguntando agora. O seu trabalho entra no campo de uma história da música, um recorte historiográfico (eu não saberia dizer), se cai no campo mais de uma História da Música.

**CM** – Estou tentando fazer uma coisa no campo da Sociologia e das Relações Raciais, sem me comprometer muito com a História da Música, senão poderia pegar uma vereda difícil de manter. Embora a história recente da música brasileira apareça através da obra desses dois compositores, a questão colocada pela pesquisa é sociológica.

**H&D** – Lembrei de uma música dele sobre Chica da Silva.

**CM** – Sobre Chica da Silva, sobre Zumbi...

**H&D** – Todos esses personagens!

**CM** – E são personagens de uma chave histórica. Há personagens que são contemporâneos dele. Uma música sobre Mohamed Ali, que também é bem interessante, pois vai pensa-lo como um herói negro. Há três canções sobre Charles (Anjo 45), “protetor dos fracos e dos oprimidos”... Que é uma canção desse *sujeito* negro. Este Charles me parece assim um contemporâneo dele, do Jorge Ben. Está falando de um sujeito que está em uma dessas canções, que se chama *Charles Jr.* É muito interessante, porque você faz uma primeira leitura da canção e você pensa: “Do que esse cara está falando?”. E tem essa dimensão poética, essa capacidade de sintetizar. E ela está falando de três séculos: o século anterior (XVII) – que é o da escravidão, o XIX – quando ele está falando que ele é o sujeito do *ventre libre* (ele já nasceu em um outro momento), mas só em falar *ventre libre* ele já remete ao período da escravidão. Então a gente se volta para o século XIX. Ele diz que não quer mais ser esse sujeito. Ele diz isso: o que ele está vivendo naquele momento não é satisfatório e pensa que um século XXI vai ser melhor. É uma ideia de mudança.

**H&D** – Ele está falando do Brasil? (risos)

**CM** – É uma chave utópica. Mas você pensa: poxa, esse cara consegue fazer isso aí, pensar em três séculos dessas relações em uma canção de três minutos e alguma coisa. O que a gente vai descobrindo na medida em que a gente acompanha essa produção é que esses compositores vão oferecendo muitas referências, vão falando dessas experiências negras e vão fornecendo muitas referências para a população negra. Eles estão em uma chave de consagração, a gente conhece (fizeram sucesso), tocaram no rádio e eles venderam bem. Eles foram uma referência não só para a população negra, mas para a população brasileira de um modo geral. Um dia eu estava falando desse trabalho na sala de aula e um aluno meu ficou lá meio pensativo e falou: “Professora, sabe que a primeira vez que eu ouvi falar do Zumbi foi em uma música do Jorge Ben?”. E eu pensei: olha que interessante! A gente tem um



vazio de formação escolar que de algum jeito foi sendo ocupada pela obra desses compositores.

**H&D** – Sempre sendo jogadas.

**CM** – Mas estavam sendo produzidas de alguma forma.

**H&D** – Isso me faz lembrar a primeira vez que ouvia a canção *1965, Duas Tribos* (Legião Urbana) em um livro didático quando cursava o Ensino Fundamental. Aquele célebre refrão: “O Brasil é o país do futuro”...

**CM** – Um mote da Ditadura!

**H&D** – Exatamente... Agora penso: ao citar Zumbi, a música de Jorge Ben tem menos relevância histórica do que uma data simbólica alusiva a ele, instituída no período republicano? Porquê não tem o mesmo caráter de oficialidade?

**CM** – É... Acho que mais do que a oficialidade é a ideia de produzir referências e produzir sentido para essa população da qual ele faz parte que é o mais importante. E sabemos, tinha um vazio de referências. Eu quando fiz o Ensino Médio, como vi a História? Todo mundo da minha geração viu a partir da perspectiva dos portugueses. Não víamos história na perspectiva da população indígena e nem da população negra. Eu sabia que eles eram da África, mas de que a região da África? Que língua se fala? e quais são as referências dessas populações.? A gente não tinha, né? Isso vai ser reconhecido no Brasil absurdamente tarde, isso só vai acontecer em 2003 – é inacreditável! E se a gente pensar nisso, parece a coisa mais absurda do mundo. É reconhecido para entrar na lei, e temos dificuldades para lidar com isso (a aplicação da lei) ainda hoje.

**H&D** – É inevitável não ter que tocar neste assunto: aproveitando o contexto atual. Vivemos em um momento bem delicado da história do país. Como pensar, por exemplo, a consolidação da pesquisa que você está fazendo neste momento?

**CM** – Em termos de pesquisa?

**H&D** – Sim, mas ao mesmo tempo nós temos um quadro em que a educação está sendo solapada de todas as formas e retrocessos de toda ordem... Qual a possibilidade de termos uma identificação com as narrativas e questões de estudos raciais do Brasil. Como você está vendo isso?

**CM** – As políticas de combate ao racismo no Brasil são muito recentes e muito tímidas, se comparadas ao tamanho do problema. Datam do início dos anos 2000 e é necessário que se registre: foram muito importantes nos últimos quinze anos. É triste assistir a um horizonte de ameaças a essas políticas e seus resultados positivos, como é possível ver no caso da lei de cotas, que tornou as universidades federais mais plurais, e, felizmente, muito mais negras. Penso que as narrativas negras e os processos de identificação vão continuar existindo, como sempre aconteceu na história desse país. Há cada vez mais pesquisadores interessados por elas. Hoje vejo muito mais gente engajada na temática do que quando comecei a trabalhar com a questão há dez anos. Há, portanto, maior identificação. Esse interesse se manterá, apesar dos ataques que estão no horizonte.

**H&D** – Muito obrigado, professora!